

I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

12 a 14 de setembro de 2017- Naviraí-MS



ENSAIOS DE INTERPRETAÇÃO DO BRASIL: a pertinência de um gênero

Fernando Silva Muglia
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV)
fernandomuglia@gmail.com

Eixo Temático: Educação, Saúde, Sociedade

RESUMO

Este trabalho pretende refletir sobre uma forma de produção intelectual bastante fermentada nas primeiras décadas do século XX: os grandes ensaios de interpretação do Brasil, da realidade brasileira, da identidade do povo brasileiro e do caráter nacional. Estas grandes sínteses, principalmente as de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, foram consideradas as responsáveis fundamentais por inventar o Brasil tal como o compreendemos hoje. Mas estes projetos de explicação nacional abrangentes são cada vez mais raros. O que pode gerar reflexões sobre sua pertinência histórica, o esgotamento de seu modelo, os paradigmas temporais, as peculiaridades contemporâneas que impossibilitariam sua atual manufatura, entre outras especulações. A metodologia do trabalho desenvolveu-se através de pesquisa de revisão bibliográfica e análise de cunho qualitativo. Conclui-se, ponderadamente, com mais indagações do que respostas, refletindo sobre a relevância, ainda que simplesmente poética, de tais voos conceituais.

Palavras-chave: Brasil; Povo brasileiro; Identidade; Interpretação; Subjetividade.

1 INTRODUÇÃO

“O Brasil não é para principiantes.”

Tom Jobim

Desvendar o Brasil foi o ambicioso projeto ao qual se dedicaram, com grande afincamento, personagens centrais da intelectualidade nacional. A idéia grandiosa de moldar uma forma intelectual que traduzisse o povo brasileiro se envolveu numa mística ainda maior de se saber parte de uma cultura nova, e em formação, ou ebulição, completamente distinta em originalidade de tudo que se houvera visto, ou que se soubera existido, no mundo. Os olhares estrangeiros sobre o Brasil frequentemente alimentaram a visão de um país exótico, complexo, cheio de problemas e potencialidades, vivências extraordinárias, deslumbramentos e paradoxos, enfim, um enigma à razão e, por isso mesmo, um convite à sua compreensão mais profunda. Os vieses tentados para o entendimento do país podem ser descritos e exemplificados em suas ênfases nos seguintes eixos: a formação histórica com atenção a seus povos de origem e modelos sociais; a convivência íntima reveladora dos sentidos do cotidiano emergidos da miscigenação; e os desdobramentos das origens econômicas da colônia na realidade contemporânea. Reflexões sociológicas, antropológicas e econômicas são articuladas para urdir interpretações sobre o processo histórico de formação desta quase utopia chamada Brasil. Este projeto totalizante de descoberta, ou criação, de uma identidade nacional, veio arrefecendo ao longo dos anos e sua urdidura sendo questionada. Cada vez mais verificam-se pesquisas que optam por leituras mais pontuais e especializadas acerca dos diversos aspectos socio-culturais componentes do povo brasileiro, dando margem a análises menos subjetivas e menos generalizantes da realidade nacional. Sem se fazer um julgamento precipitado da pertinência ou não das atuais formas de investigação da realidade, e o abandono das antigas, aqui apenas constata-se este movimento e articula-se uma pequena experiência do olhar contemporâneo ao revisitar algumas das principais teorias de explicação da sociedade brasileira, tramadas no século XX.

A ideia para o presente trabalho despertou-se com a leitura de um artigo da revista *Ciência Hoje*, de 11 de agosto de 2012, intitulado “Ensaio de Interpretação do Brasil”, que se desdobrava em dois artigos distintos, quais sejam: “Mórbido exercício de ajustar contas com o passado”, de Renan Springer de Freitas, e “O voo grandioso da síntese”, de Leopoldo Waizbort, cujas reflexões nos despertaram para muitas arguições, tais como: São ultrapassadas as tentativas de grande escopo e ambição de entender a realidade do fenômeno social da civilização brasileira em sua completude? É essa uma tradição esgotada, fruto de um

restrito período histórico? É uma dificuldade da contemporaneidade a composição de cenários totalizantes que abarquem a realidade num ideal norteador? Seriam estes projetos frutos sequiosos de um ímpeto modernista, e agora saborosos demais para o paladar aguado da pós-modernidade? A atualidade ainda comportaria análises de grande abrangência e distinção da experiência brasileira, ou no mundo pós-industrial, globalizado, as fronteiras se desvaneceram para uma ideia de unidade universal do gênero humano em torno dos valores do consumo? Diante da complexidade de tais perguntas e do tamanho restrito do artigo, não ambicionamos encontrar respostas definitivas, nem mesmo convincentes, a qualquer uma destas questões, mas, na medida do possível, vivificá-las. Para isso, voltamo-nos para estes ensaios, para analisá-los com nosso olhar contemporâneo, pós-moderno, para ver com nossos próprios olhos o que eles ainda tem a nos dizer sobre nós mesmos, e julgar – tarefa tão subjetiva –, conjuntamente com o leitor, simplesmente julgar sobre sua relevância e sua pertinência. Porquanto, o objetivo subliminar desta pesquisa é, para além de maiores pretensões, incabidas que seriam na exiguidade destas páginas, apenas lembrar a existência de pensamentos vigorosos e cheios de esperança, capazes de inspirar aos habitantes desta “terra brasilis” uma postura mais realista, mais confiante, mais unificadora, mais consciente de si mesma, de suas potencialidades aparentemente esquecidas, de seu papel único no mundo.

Para o desenvolvimento da temática exposta, fez-se uma pesquisa exploratória com o intuito de construir um breve levantamento bibliográfico que subsidiasse a fundamentação teórica do trabalho, utilizando-se então do pensamento de diversos teóricos que se aprofundaram nessas reflexões; dentre eles, aqueles aos quais se convencionou, não sem injustiças, considerar a tríade fundamental da moderna busca pela identidade brasileira: Caio Prado Júnior (1997), Sérgio Buarque de Holanda (1963) e Gilberto Freyre (2004).

Acerca do procedimento metodológico utilizado para o desenvolvimento e fundamentação teórica da pesquisa, bem como apontamentos de aspectos que possibilitem e fundamentem a caracterização do procedimento adotado, foram as seguintes nossas escolhas. De acordo com Silva e Menezes (2005), e partindo das conjecturas que emergem ao evocarmos o sentido da categoria pesquisa, trazemos para o texto o ato de pesquisar em sua característica fundamental: a busca por um procedimento sistemático e racional que colete informações capazes de sanar, mesmo que em partes, um problema. No caso em questão, fomos direto na fonte, ou seja, o primeiro passo foi ler estes clássicos. Em seguida, a pesquisa pretendeu encontrar as ressonâncias provocadas por estas obras: as influências, os comentários, as críticas, detrações e elogios, da época aos dias atuais. No entanto, como percorrer toda a bibliografia que envolve esta temática seria um trabalho de uma vida inteira,

limitamo-nos bastante na escolha de nossas leituras, que seguiu fortemente a incipiente intuição deste pesquisador iniciante que ora escreve.

Por fim, ressalta-se que, de acordo com Silva e Menezes (2005), na pesquisa qualitativa há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, sendo a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados ações básicas no processo da pesquisa qualitativa. Ela é descritiva, não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, o ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador o instrumento chave da interpretação. Com isso, pode-se caracterizar o trabalho exposto como fruto de uma pesquisa qualitativa.

Ao cabo deste pequeno trabalho desprezioso, se não conseguimos constatar nada de original, ao menos sentimos que o óbvio também tem uma história que vale a pena ser contada. As razões pelas quais devem ou não ser feitos hoje em dia ensaios tão grandiosos, que encerrem sínteses tão criativas acerca do povo brasileiro, deverão ser perseguidas, defendidas ou combatidas, por pesquisadores e teóricos, sonhadores e visionários, poetas e artistas mais competentes e inspirados, mas que procurem, sobretudo, reavivar sinceramente a ânsia da busca pela identidade brasileira, sua independência e suas proposições para a criação de um modelo de civilização mais justo, para um mundo mais humano. A chama da esperança por um futuro melhor de toda a humanidade vem sofrendo sistemáticos, midiáticos, golpes, baldes de água fria. De nossa parte infinitesimal, esperamos ter, no mínimo, soprado a brasa.

2 PRIMEIRAS DORES DO PARTO DA MODERNA IDENTIDADE NACIONAL

“Tupy, or not tupy, that is the question.”
Oswald de Andrade

Atualmente, é fato incontestado, e até fator de orgulho, que a base cultural da nação brasileira encontra-se, e sempre esteve arraigada, na heterogeneidade dos povos que participaram da formação do país. Mas não foi sempre assim. Durante certo tempo vigorou no país uma visão eurocêntrica e eugenista que considerava como degenerativo do gênero humano todo distanciamento de um ideal de raça pura, ou de raças mais evoluídas, provocado pela miscigenação. Esta foi, aliás, uma das grandes preocupações da elite, e de grande parte da intelectualidade nacional, das últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, que pretendia o remédio do branqueamento da população, principalmente via imigração de cidadãos europeus. A eugenia ocorrida no Brasil envolvia, além da chamada regeneração racial, muito de higiene pública (Campos, 2009). Donde conclui-se que, naquele alvorecer do

século XX, a miscigenação era apontada, junto da falta de higienização das cidades, como causa de muitas das doenças que acometiam a população brasileira, além também de uma certa noção de atrofiamento da inteligência tupiniquim, muito bem representada na figura do Jeca Tatu de Monteiro Lobato, para quem não só a miscigenação era algo ruim como especialmente a brasileira o era por ser a mescla de três raças inferiores:

O Brasil, filho de pais inferiores... destituídos desses caracteres fortíssimos que imprimem... um cunho inconfundível em certos indivíduos, como acontece com o alemão, com o inglês, cresceu tristemente... dando como resultado um tipo imprestável, incapaz de continuar a se desenvolver sem o concurso vivificador do sangue de alguma raça original. (LOBATO apud CAMPUS, 2009, p. 45)

Mas, contemporâneos de Lobato, eram também os artistas da emblemática Semana de Arte Moderna de 22. A famosa “Geração de 22”, acima de tudo visionária, a despeito da ciência racista da época, foi buscar fundo no inconsciente renegado, porém latente, da população brasileira, sua bandeira de luta. Os elementos indígenas, negros, a linguagem do povo, os mitos de nosso folclore, tudo isso, há muito tempo relegado como cultura – se cultura fosse – inferior, de baixíssimo nível, era agora apresentado por estes vanguardistas como motivo de orgulho, matriz poética das mais fecundas e inspiração para uma arte livre, original, sarcástica, sensual, cheia de inteligência e humor – brasileira.

Imagine-se então a celeuma instalada no meio intelectual mais conservador quando uma das características mais tidas como sinal de barbárie absoluta, a antropofagia existente em algumas culturas indígenas brasileiras, transforma-se repentinamente em conceito central da estética desta nova geração de artistas. “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.” (1975, n.p.) Assim Oswald de Andrade profetiza logo nas primeiras linhas de seu Manifesto Antropófago, publicado na primeira edição da Revista de Antropofagia, em 1928. Símbolo máximo da miscigenação brasileira, a antropofagia significaria metafóricamente a capacidade mais marcante da população nacional, que assimilaria tudo o que viesse de fora, mas ressignificando-o imediatamente, incorporando-o como coisa própria. A acolhida indígena do europeu, seria muito simplista considerá-la apenas como inocente ou ingênua, haveria nela algo de muito letal e sábio, de uma beleza mordaz, pois conseguiu pairar permanentemente, incisivamente, misteriosamente no imaginário local e lançar raízes profundas na mentalidade do povo desta terra.

Todavia, se algumas almas sensíveis de artistas já renunciavam e celebravam a riqueza da miscigenação, uma coisa é a arte, e aos artistas se perdoam mais facilmente as

excentricidades, outra coisa é a ciência. E será ainda neste quadro de “racismo científico” que surgirá, em 1933, a obra-prima de Gilberto Freyre, que inaugurará o que estamos tratando aqui como a moderna criação de uma identidade nacional brasileira. Se considerarmos que a loucura eugenista alemã durou até a queda de Hitler, em 1945, podemos perceber o quão revolucionário era um pensamento que, mais de uma década antes, vislumbrava e idealizava tão belamente as contribuições dos negros brasileiros escravizados para a formação de uma nova raça miscigenada e cheia de valores estéticos, que poderiam competir em graça e beleza com as mais celebradas civilizações da antiguidade, como a mítica Grécia. Tal o poder revolucionário de encantamento e análise de uma imaginação especial e inspirada.

3 INTERPRETAR O BRASIL... POR QUAL VIÉS?

“Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.”
Oswald de Andrade

Durante o século XX, constituiu-se verdadeiro fetiche aos intelectuais a caracterização mais adequada da realidade brasileira em resposta a antigas interpretações, por vezes arraigadas de preconceitos, inclusive de caráter científico. Dentro da bibliografia brasileira, destacam-se três obras como as mais influentes e formadoras de uma geração que instruiu a geração seguinte que, por sua vez, chegaria ao poder com Fernando Henrique Cardoso. Segundo o próprio, em texto que reproduz uma Aula Magna proferida por ele no Instituto Rio Branco, quando ainda era ministro de Estado das Relações Exteriores, em 8 de março de 1993:

Num dos prefácios do *Raízes do Brasil* há um estudo de Antonio Candido de Mello e Souza, um pequeno estudo no qual Candido diz que esses três personagens foram básicos para a sua geração, porque dois escreveram seus livros principais nos anos 30 e Caio Prado escreveu em 1945, próximo, portanto, da época de formação da geração de Antonio Candido. Nossos autores influíram quase que diretamente nas pessoas do corte generacional de Antonio Candido. Formaram os três pilares fundamentais do pensamento sobre o Brasil até então. [...] O curioso é que, se alguém for pensar hoje sobre as contribuições básicas para a interpretação do Brasil, esses três autores estarão no Pantheon dos notáveis do mesmo jeito. (CARDOSO, 1993, p.22)

Estes três autores se alinharam, dessa maneira, definitivamente no julgamento corrente da intelectualidade brasileira como a tríade fundamental da interpretação do Brasil. Embora Caio Prado tenha escrito *Formação do Brasil Contemporâneo* apenas em 1945, enquanto que

Sérgio e Gilberto escreveram os seus *Raízes do Brasil* e *Casa-Grande & Senzala* em 1936 e 1933, respectivamente, os três se conheciam pessoalmente e se visitavam frequentemente na esfera do conhecimento, cada um contribuindo para a obra do outro. O próprio Sérgio, no *Raízes do Brasil*, cita tanto Freyre como Prado. Caio, aliás, apesar de sua obra clássica ser de 45, começa a publicar desde o início da década de 30.

A começar cronologicamente pela obra de Gilberto Freyre, podemos dizer que sua visão foi um desbravamento intelectual antropológico-etnográfico, sociológico e psicanalítico, inauguradora de caminhos e perspectivas na tentativa de desconstruir preconceitos quanto à miscigenação e, principalmente, à influência da cultura negra. O negro ganhava em Freyre um status nunca antes dado a ele: o de grande civilizador na cultura brasileira, permitido pela permissividade portuguesa, também exaltada. Ou seja, para Freyre, as novas subjetividades que se instalam nessa miscigenação são positivas e devedoras da cultura africana. O modo de ser do brasileiro, sua psiquê, segundo essa via de interpretação, só poderia então ser compreendida em sua complexidade se se avaliasse sem preconceitos (estes em grande medida eurocêntricos) a rica influência africana na formação de nossa cultura tropical e americana. Os benefícios dessa compreensão seriam da ordem de se tornar o povo consciente de suas características e potencialidades, de aceitação de si mesmo via interpretação de termos mais generosos, os apresentados por Freyre; e a perda de um sentimento de baixa autoestima ou de síndrome de vira-lata¹, que facilmente, ainda hoje, se pode perceber pululando em discursos por todo o país, que tendem a enaltecer tudo o que venha de fora. Mas, voltando ao impacto obtido pela obra de Freyre, gostaríamos de destacar seu aspecto revolucionário, uma revolução que Cardoso (1993) considerará da dimensão de uma copernicana para os estudos sociais brasileiros. Assinalando sua originalidade metodológica:

O fato é que Gilberto Freyre, de alguma maneira, introduz na literatura sobre o Brasil a vida cotidiana, a família, a cozinha, a vida sexual, os maus hábitos, ou bons, não sei. Enfim, assume uma dimensão que não é a dimensão usual do intelectual brasileiro. A dimensão usual é desconhecer — era, e ainda é, desconhecer — o peso da rotina e sublinhar os fatos que são mais significativos, e portanto, esvaziá-los de vivência. Gilberto Freyre não. Descreve uma história social, à vezes idílica, mas mesmo quando idílica, quando não corresponde a uma pesquisa ou a dados documentais, a referência analítica abrange aspectos antropológicos do cotidiano. Isso num grande livro em que se está pensando o Brasil. (CARDOSO, 1993, p.24)

¹ Expressão que o dramaturgo Nelson Rodrigues cunharia anos mais tarde, por ocasião da derrota da seleção brasileira na copa de 50, referindo-se à maneira como ele percebia o brasileiro sentir-se inferiorizado perante estrangeiros.

A leitura de Sérgio Buarque de Holanda, por sua vez, não é tão generosa; uma crítica mais isenta de pendores emocionais, por assim dizer, imiscui-se nas contradições do universo social, e não sai dele sem certo pessimismo em relação à realidade. O conceito do homem cordial, por exemplo, dá conta das idiossincrasias da personalidade do povo criado nesta terra. Os ataques emotivos, radicais e opostos, e quase simultâneos, gentilezas seguidas de xingamentos, podem ser observados nas práticas sociais de uma população regida pelo coração, a qual tem os nervos à flor da pele e responde exageradamente tanto ao bem quanto ao mal. Sua visão é claramente mais desencantada – era, em grande parte, um weberiano, afinal de contas – que a de Freyre, mas os dois são acurados observadores e grandes imaginações conscientes do sub e do inconsciente da população. Também divergia de Freyre quanto à influência social portuguesa, expondo nela traços bastante contraditórios, ora assinalando-os negativamente, ora conferindo-lhes certa astúcia. Como quando discute sobre o “desleixo” com que os colonizadores lusitanos assentavam suas cidades, obedecendo muito mais a urgentes necessidades contingentes, do que a um planejamento prévio. No entanto, com o passar do tempo, os desleixos portugueses revelavam-se muito eficazes para a conquista de seus propósitos, além de fundamentais para a construção da originalíssima personalidade nacional, que se era cheia de defeitos, era também, e por causa deles, cheia de afeto.

Deve ser uma característica de todo texto de grande inteligência e perspicácia como o de Buarque, o fato de se sentirem em suas sentenças um perpassar constante de fina ironia. Entrementes, a ironia, que aliás já foi defendida filosoficamente, especialmente por Kierkegaard, como uma forma superior de inteligência, ou mesmo uma forma sutil de se aproximar da verdade, no texto de Buarque, não se sabe muito bem se nasce da mente do autor, ou da própria realidade analisada. Por exemplo, a ironia da vida, se é que podemos lançar mão de uma categoria assim abstrata, que fez com que a América espanhola, com suas cidades muito bem planejadas, não tenha conseguido formar uma nação unificada; se é também que isso se possa considerar uma conquista positiva a se almejar: a da unificação de um imenso território. Mas, apesar das análises implacáveis, nunca fazendo “vista grossa” sobre o que quer que houvesse de criticável no brasileiro e na colonização portuguesa, transparesse, ainda assim, de sua obra uma verdadeira esperança de que os aspectos mais positivos de nosso caráter nacional possam prevalecer e vingar na construção de um país mais justo. Sérgio parece se esforçar nessa direção e, ponderadamente, parece também encontrar motivos para se ufanar de seu país:

Não ambicionamos o prestígio de país conquistador e detestamos notoriamente as soluções violentas. Desejamos ser o povo mais brando e o mais comportado do mundo. Pugnamos constantemente pelos princípios tidos universalmente como os mais moderados e os mais racionais. Fomos das primeiras nações que aboliram a pena de morte em sua legislação, depois de a termos abolido muito antes na prática. Modelamos a norma de nossa conduta entre os povos pela que seguem ou parecem seguir os países mais cultos, e então nos envaidecemos da ótima companhia. Tudo isso são feições bem características do nosso aparelhamento político, que se empenha em desarmar todas as expressões menos harmônicas de nossa sociedade, em negar toda espontaneidade nacional. (HOLANDA, 1963, p. 171)

E não só de seu país, como também das tão popularmente vilipendiadas inteligência e colonização portuguesas:

... acrescente-se ainda, em favor dos portugueses, a já aludida ausência, neles, de qualquer orgulho de raça. Em resultado de tudo isso, a mestiçagem que representou, certamente, notável elemento de fixação ao meio tropical, não constituiu, na América Portuguesa, fenômeno esporádico, mas, ao contrário, processo normal. Foi, em parte, graças a esse processo que eles puderam, sem esforço sobre-humano, construir uma pátria nova longe da sua. (HOLANDA, 1963, p. 49)

Caio Prado Júnior, por sua vez, será o responsável por demover o foco dos problemas sociais brasileiros de sua costumeira localização nas origens culturais e genéticas. Pioneiro no uso do materialismo histórico como instrumento de análise da realidade brasileira, ele perceberá os movimentos e comportamentos da sociedade através dos interesses econômicos da elite dominante e da luta de classes. Sua leitura é prática e clara, dada sua precisa utilização do método, e não cabe nela uma busca mais profunda e específica por uma personalidade, ou caráter, do homem brasileiro, pois o proletário é o mesmo em qualquer parte do mundo. Se aqueles expunham seu orgulho ou pesar sobre as características do homem dos trópicos, este apenas revelava suas mazelas sociais, impostas desde sempre pela exploração burguesa que, aliás, ia muito além do povo português, com um projeto internacional de expansão do capitalismo em seus moldes mercantis. O Brasil seria apenas mais uma empresa do capital.

A obra de Caio, efetivamente, por se valer mais de dados históricos e geográficos, por ser muito bem calcada metodologicamente no materialismo histórico e por voltar suas análises mais para a área econômica, não será considerada, como as outras duas, um ensaio subjetivo de interpretação do Brasil, cuja manufatura exigiria muito mais de uma imaginação simbólica para a decifração de realidades sociológicas e etnográficas que não se mostram evidentes à primeira vista; ou seja, precisam necessariamente ser interpretadas, no sentido

mais profundo do termo. Ainda mais se compreendermos na interpretação uma atitude nebulosa, complexa, de combinação entre descoberta e criação de sentidos.

Podemos ver como estes autores, contemporâneos entre si, podiam ter visões tão díspares quanto seus próprios temperamentos, vivências e formações. Díspares sim, pois partiam de perspectivas diferentes, mas muito mais complementares do que divergentes. Em comum, talvez, a ambição de redescobrir o Brasil, ou, mais propriamente, de desvelar, tirar o véu com que uma mente colonizada tenta mascarar uma realidade da qual, ignorantemente, sente vergonha. Uma preocupação, aliás, bem familiar ao modernismo. E dos três, diga-se de passagem, por curiosidade, apenas Caio Prado não era amigo íntimo de Manuel Bandeira, o profeta do modernismo na literatura.

4 A PERSPECTIVA INOVADORA DE DARCY RIBEIRO

“Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.”
Oswald de Andrade

O renomado antropólogo, sociólogo, educador e pensador brasileiro Darcy Ribeiro, em seu livro de 1995 “O Povo brasileiro”, traz a seguinte indagação: “Antes do Brasil existir como era o mundo?”. Evidenciando que “O Brasil nasce sob o signo da utopia, a terra sem males, a morada dos deuses”, de onde mais poderiam sair tais concepções se não da natureza da mentalidade e da sociabilidade dos indígenas encontrados por aqui pelos descobridores portugueses? Ora, por que então as origens de tão riquíssima cultura nunca eram devidamente contadas nos livros de história do Brasil, que começavam sempre a partir da data do descobrimento? Posteriormente a estas colocações, o autor a cada capítulo se aprofunda na história dos povos que constituíram a formação do Brasil, apontando que toda a história do país não se esgota apenas a partir do primeiro contato dos europeus com os povos indígenas e que a construção da história do país está vinculada a muitas outras culturas, visto, além de tudo, que o Brasil carregava a miscigenação na própria cultura de seus colonizadores. (RIBEIRO, 1995)

Antes da chegada dos portugueses, as terras brasileiras eram habitadas por uma enorme população indígena. Esses povos distintos se organizavam de acordo com a especificidade de cada grupo; e apesar de possuírem traços culturais semelhantes entre si, não formavam um povo completamente homogêneo, devido a singularidades intrínsecas a cada etnia. Os Portugueses, por sua vez, também não possuíam uma “raça pura”, sendo que, ao colonizarem o Brasil, trouxeram consigo, amorfoseadas em seu corpo e espírito as influências

árabes-mouras, já de muito presentes em sua linhagem, além das assimilações das mais diversas culturas por eles visitadas em suas vastas navegações ao redor do globo.

De acordo com um estudioso da área:

É muito comum ouvirmos falar de que a miscigenação brasileira iniciou com a interação entre os nativos aqui presentes e os portugueses, chegados aqui a partir de abril de 1500 e se intensificado a partir da década de 1530, com o início da era colonial. Depois, com os africanos da diáspora, desenraizados de suas culturas para servir de mão de obra escrava na colônia luso americana. Todas essas três etnias contribuíram de forma extremamente relevante para a formação cultural do Brasil. Porém, ao contrário das três citadas, a contribuição árabe para a constituição do Brasil, apesar de bastante presente, ainda carece de estudos aprofundados. Apesar de uma maneira geral, essa contribuição tenha se dado através do português, é de extrema relevância diferenciar as contribuições que são, grosso modo, européias cristãs das contribuições genuinamente árabes mouras (bem como das judaicas). Afinal, essas contribuições não seriam possíveis se não houvesse a dominação moura na Península Ibérica. Contribuições, contudo, vindas de um Oriente que foi durante muito tempo visto como inimigo do ocidente cristão e adorador de uma heresia cruel para o catolicismo e que, ainda, é visto pelo senso comum carregado de preconceito. É primordial que se ressalte que nosso tão brasileiro cafezinho, nosso tão brasileiro pandeiro, nossos engenhos de açúcar tão marcados na nossa história e até os hábitos higiênicos tem seus vínculos ligados não só com africanos, portugueses cristãos ou nativos indígenas, mas também com os árabes mouros. A relevância disso é primordial para evidenciar que a tão rica pluralização cultural dos ‘brasis afora’ é ainda mais rica, mais diversificada e mais misturada do que, de uma maneira geral, se imagina. (LAPUENTE, 2012, p.12)

Da África ao Japão, os portugueses deixaram suas marcas e foram marcados. Fala-se português em Macau, na China. Cidades foram batizadas por eles na Índia. Grande parte do mundo esteve sob domínio português. Talvez não tenha havido um povo mais cosmopolita. Neste sentido, percebe-se como é fundamental para se conhecer a história da formação do Brasil, conhecer a dos povos que o constituíram.

Os negros que foram trazidos principalmente da costa ocidental da África para o Brasil na época da colonização também não formavam um povo homogêneo, segundo Ribeiro (1995, p.114) “[...] foram capturados meio ao acaso nas centenas de povos tribais que falavam dialetos e línguas não inteligíveis uns aos outros. A África era, então como ainda hoje o é, em larga medida, uma imensa Babel de línguas.”. Ou seja, um povo heterogêneo, e que ao chegar ao Brasil também sofreu um processo de aculturação ao se relacionar com escravizados de outras etnias, com indígenas e com a imposta, porém plural, cultura portuguesa. De fato, o que se verifica é que o Brasil sempre foi um país de enorme

diversidade, com uma pluralidade cultural imensa e que não se esgota apenas nos elementos acima citados.

Ainda em relação a Portugal, é esclarecedor ressaltar que:

Até fins do século XIV, e desde a constituição da monarquia, a história portuguesa se define pela formação de uma nova nação europeia e articula-se na evolução geral da civilização do Ocidente de que faz parte, no plano da luta que teve de sustentar, para se constituir, contra a invasão árabe que ameaçou num certo momento todo o continente e sua civilização. No alvorecer do século XV, a história portuguesa muda de rumo. Integrado nas fronteiras geográficas naturais que seriam definitivamente as suas, constituído territorialmente o reino, Portugal se vai transformar num país marítimo; desliga-se, por assim dizer, do continente, e volta-se para o oceano que se abria para o outro lado; não tardará, com suas empresas e conquistas no ultramar, em se tornar uma grande potência colonial. (JÚNIOR, 1997, p. 19)

Mas, retomando o pensamento de Darcy Ribeiro, constata-se a relevância imensa de sua intenção em apreender o progresso universo indígena para se pensar o Brasil, a personalidade do povo brasileiro, o caráter nacional. É uma guinada radical em relação aos teóricos que estamos analisando, pois desloca a primazia da responsabilidade por sermos da maneira que somos das mãos dos portugueses e dos negros para os indígenas. Equivale a dizer que o Brasil só é o que é, essencialmente, por causa dos indígenas. Seu poderoso espírito será o valor ontológico mais marcante e norteador da amálgama miscigenada que fundiu este novo tipo, em tudo original, que é o povo brasileiro.

Com razão, se quisermos pensar em termos de geografia humana, como poderemos desprezar a sabedoria de um povo que vivia há milênios nesta terra? Que teve a sagacidade de viver em plena harmonia com a natureza, aproveitando tudo dela sem ferí-la, conhecendo-a como ainda hoje ninguém a conhece, compreendendo-a como parte inseparável de si. Tais não são, 500 anos após seu massacre, as concepções que a humanidade tenta desesperadamente buscar para evitar seu auto-extermínio? E eles já tinham-na. E como não deve ter sido ultrajante ser subjugado por um povo tão inferior, tão ignorante daquela sabedoria que agora reconhece ser elevadíssima, e ao mesmo tempo tão arrogante, tão seguro de sua falsa superioridade. Tão pregadores de ideais éticos, de humanidade, de amor, que ali já se encontravam na prática. Pois o espírito desta gente nativa foi e é tão forte, que mesmo dizimada, ainda educará o mundo.

Assim Darcy vaticina, no final de seu livro, a beleza da gente brasileira, que é:

[...] mais alegre, porque é mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque é aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque é assentada na mais bela e luminosa província da Terra. (RIBEIRO, 1995, p. 411)

5 AS GRANDES SÍNTESES DE INTERPRETAÇÃO COMO MODELO PARA O FUTURO

“Só não há determinismo onde há mistério.”
Oswald de Andrade

São muito ouvidas, hoje em dia, observações de que não se fazem mais obras de grande escopo e envergadura, análises do porte das mencionadas acima, que ambicionassem abraçar intelectivamente o Brasil, o povo brasileiro. Partindo desta constatação, a revista *Ciência Hoje* promoveu um interessante diálogo em suas páginas ao colocar os pontos de vista de dois intelectuais da área sobre o assunto. O professor de sociologia da USP, Leopoldo Waizbort (2012), reflete sobre a temática, especulando a falta de tempo da vida contemporânea, inimiga do processo de lenta maturação necessário às sínteses grandiosas representadas por aqueles ensaios, os quais ele admira e enaltece como forma elevada de compreensão do real. Mas, para além disso:

Hoje as humanidades, o terreno dos ‘ensaios de interpretação do Brasil’, são muito diferenciadas e diversas. Diferenciadas disciplinar e institucionalmente; diversificadas conceitual, analítica e metodologicamente. Um conjunto de diferenças que torna, cada vez mais, as sínteses inalcançáveis, pois falta um chão comum e uma perspectiva que vislumbre por inteiro seu objeto. O resultado já se antevê: fragmento na perspectiva de abordagem e especialização como campo de decolagem (e pouso?). Seria possível um ‘ensaio’ nessas condições? (WAIZBORT, 2012, n.p.)

Mais um empecilho para a confecção de tais ensaios de grande fôlego, para ele, é a incompetência das novas academias; estas, em suas palavras, representam um fenômeno novo, que ele chama de "atual surto de diplomação da universidade de massas contemporânea", que seria responsável por formar alunos sem a devida carga conceitual, e de erudição, capaz de projetar pacientemente “o grandioso voo da síntese”, expressão que intitula seu artigo em questão. Em sua conclusão, porém, especulando sobre a possibilidade de se poderem concretizar atualmente estes modelos de ensaio através de “grupos de pesquisa, no molde das novas formas de organização e gestão do conhecimento” dá margem à subjetividade, objetando quase que romanticamente: “mas vai faltar sempre o coração

pulsante e apaixonado que possibilitava e orientava os antigos mestres.” E finaliza taxativamente: "não há mais lugar social para a concepção e execução desses 'ensaios'". (WAIZBORT, 2012, n.p.)

Contra argumentando esta óptica, apresenta-se aqui um trecho do artigo em que fala o sociólogo Renan Springer de Freitas :

Receio que o tempo dos 'ensaios de interpretação do Brasil' já tenha ficado para trás. (...) Tomemos o caso de Casa-grande & senzala - para muitos, o que de melhor já se produziu no gênero. Nesse livro, Gilberto Freyre se empenha em mostrar que o nosso passado colonial imprimiu sua marca sobre a 'nossa' maneira (especial) de ser. Como tantos estudiosos de sua geração, Freyre se deixou seduzir pela ideia de converter a 'singularidade brasileira' em objeto de reflexão sociológica e, na medida em que o fez, sua obra pode mesmo ser considerada um 'ensaio de interpretação do Brasil'. No meu entendimento, entretanto, a grandeza do livro... reside na prosa incomparável e no extraordinário talento etnográfico do autor." (FREITAS, 2012, n.p.)

O que Freitas pensa sobre os tais "ensaios de interpretação do Brasil", foi dramaticamente sintetizado já no título de seu artigo: "Mórbido exercício de ajustar contas com o passado" (2012). E trata de explicá-lo citando o trabalho do historiador Evaldo Cabral de Mello, para quem, este modelo de literatura, uma "moda intelectual" datada, somente teve relevância nos países de tradição ibérica ou que sofreram um profundo trauma no passado; e cita o exemplo da Alemanha como um caso europeu paralelo e isolado. Neste caso, o ensaio de Norbert Elias "Os Alemães", seria uma tentativa de expurgar o trauma sofrido pelo nazismo, esta marca do passado, como componente do modo de ser alemão. (FREITAS, 2012)

Esta reflexão levaria a crer que os livros deste estilo de Freyre e Holanda seriam um esforço de redenção do trauma da escravidão e da colonização brasileiras. E que, conseqüentemente, passado o tempo, "as feridas cicatrizariam" e não seria mais necessário o concurso deste tipo de abordagem literária e intelectual. E a obra de Prado Jr.? Como já dissemos, ela não é considerada exatamente um ensaio de interpretação do Brasil, apesar do consenso de que seja ela uma bela síntese do quadro nacional. Mas, a título de brincadeira, só pelo prazer de analisar-lhe pela mesma lógica, segundo esta perspectiva, não poderia ser ela um esforço de redenção de todo o longínquo processo traumático e internacional da ascensão capitalista, impresso na alma humana e também, evidentemente, na brasileira?

Diferente é a opinião de Cardoso, já naquele artigo de 1993, quando diz:

As gerações mais recentes criticaram muito essas visões grandiosas. O grosso da produção das universidades se dirigiu para monografias, para estudos mais especializados, mais profundos, mais detalhados, que enriqueceram muito o conhecimento de aspectos do Brasil. Mas eu creio que está faltando alguém que retome esse tipo de abordagem global à mesma altura dos autores aqui discutidos, de maneira que pensemos outra vez sobre nossas potencialidades e que possamos, ao mesmo tempo, fazer uma análise que sacuda a poeira que vai se acumulando no decorrer da história quanto a certas idéias preestabelecidas. (CARDOSO, 1993, p.34)

Providencialmente, 20 anos depois, novos personagens, curiosamente estrangeiros, como o sociólogo italiano Domenico de Masi, vem inusitadamente nos lembrar que o Brasil pode sim representar um modelo de civilização para o futuro da humanidade:

Nenhum outro país é amostra igualmente representativa e metáfora igualmente significativa do mundo inteiro na sua atual fase evolutiva. A mestiçagem, que foi prerrogativa do Brasil, hoje torna-se normalidade em todo o planeta, onde está em curso a mais importante mistura de todos os tempos, determinada em nível físico pelas grandes migrações e, em nível cultural, pelos meios de comunicação e pela rede. Como no século XX, a mistura brasileira tornou-se modelo e paradigma graças à interpretação genial que dele fizeram os “inventores do Brasil”; assim, hoje o mundo inteiro espera alguém que o reinvente, conferindo-lhe, através de um novo modelo, uma nova e consciente identidade. (MASI, 2013, n.p.)

Ora, é justamente aos ensaios de interpretação, aos grandes voos da síntese, que o sociólogo italiano se refere como de necessidade urgente para o mundo atual, desprovida que está a humanidade de novos modelos e paradigmas para enfrentar as atuais e profundas, muito profundas, crises pelas quais está passando. Ele diz que ao mundo está faltando justamente aquelas imaginações prodigiosas, corajosas, que ousaram interpretar a realidade para além dos dados meramente objetivos. Explica que a dimensão estética da vida, seu caráter humano, o cultivo do talento, das propensões artísticas, são os maiores norteadores para a criação de um novo modelo de existência. E o Brasil, nesta conjuntura? Bem, O autor de *O Futuro Chegou* (2013) entende que:

[...] hoje o Brasil se encontra em uma situação única em relação ao seu passado e ao seu futuro. Depois de ter copiado por 450 anos a Europa e então por outros cinquenta os Estados Unidos, agora que ambos os modelos entram em uma crise profunda, o gigante latino-americano está sozinho consigo mesmo, diante do seu futuro. Trata-se de uma questão inquietante, que pode dissolver-se na confusão ou pode gerar o modelo inédito de que o mundo precisa. (MASI, 2013, n.p.)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior.”
Oswald de Andrade

A que desdobramentos estapafúrdicos, ou simplesmente extravagantes, a lógica não conduz às vezes nosso pensamento!? Entretanto, veja o leitor se não seria lógico também imaginar a atitude de cada um de nossos autores perante suas descobertas sociais. O que exigiria da vida ou da sociedade cada um deles?

Seria fácil imaginar em Caio Prado Jr. uma ânsia de revolução, a retomada da dignidade dos explorados para a construção de um país sem desigualdade.

Em Gilberto Freyre, também não seria difícil entrever o sentimento impulsor da esperança calcada nas qualidades do povo brasileiro, principalmente do povo negro brasileiro, tão poeticamente descritas e acreditadas por ele.

E Sérgio Buarque de Holanda? Que vislumbre nos dá de futuro um ser tão personalista como o homem cordial? Um bicho amuado e selvagem, ao mesmo tempo simpático, carinhoso e violento. Vingará este homem na luta pela existência na miscigenação global? Será que Holanda o preferiria mais educado e polido como o europeu? Ou se comprazia secretamente de seu conterrâneo?

Chistes à parte, o que podemos realmente concluir desta nossa pequena tentativa de ensaiar uma reflexão sobre o poder e a pertinência destes ensaios de interpretação do Brasil? Que são belos, não resta dúvida, pois comovem, emocionam, mesmo tendo pretensões científicas. Se concebermos que a beleza pode conter uma dimensão útil ao ser humano, está mais que provada a sua pertinência. Se mais ainda, concebermos que a beleza pode conter um valor intrínseco para a ciência, como muitas vezes, aliás, acontece aos cientistas de se guiarem, em suas escolhas, pela beleza maior de uma fórmula ou uma teoria em detrimento de outras menos belas – como aconteceu, por exemplo, na descoberta da estrutura do DNA, quando os cientistas desenharam inúmeras imagens de como eles imaginavam que poderia ser tal estrutura, e tendo diante de si este leque imenso, decidiram começar a investigação sobre qual seria a verdadeira por aquela que consideraram ser a mais bela, e acertaram na mosca – caminhamos no mesmo sentido para sua validade.

A realidade pode ser cheia de encantamento. A vida pode ser um deslumbramento contínuo para mentes que cultivaram o poder de vislumbrá-la.

Grande parte de nossa vida é dedicada, sem que nos demos conta disso, à subjetividade. É a dimensão subjetiva responsável por determinar vários aspectos de nossa vida. Por que a sociologia não deveria se dedicar a ela de uma maneira mais séria? É ela fator predominante na constituição da identidade, para Freyre. Ela é tão real que se poderia comê-la. Mas, na verdade, realmente nos alimentamos dela. E não seria ela verdadeiramente criada pelos cheiros e sons, gostos e visões? Que tipo de sociedade não seria criada se se comessem a desprezar as dimensões estéticas da vida, se baseássemos nossa conduta unicamente pela insipidez das estatísticas?

E qual não é também o papel dos cientistas sociais? Deverão eles ser apenas investigadores de uma realidade pronta e traduzível em dados? Ou não poderão ser também agentes criativos neste processo? Não estarão criando o mundo ao mesmo tempo em que o interpretam? Qual é sua responsabilidade neste processo?

Para a vida subjetiva da nação, muito provavelmente também para a concreta, a importância das ideias é inquestionável. Muitas políticas públicas podem nascer da percepção que se apreenda da leitura de um ensaio como os que discutimos. Uma interpretação da realidade é tanto mais verdadeira quanto mais pungente seja. Se a verdade é um valor intangível, talvez a maior abstração da humanidade, talvez a única, o que nos resta é tentarmos nos aproximar de ideais que caem fundo em nosso órgão cordial de homens sensíveis dos trópicos, que à falta da ditadura da razão a nos levar para as catástrofes desumanas do século XX, talvez tenhamos melhor sorte em entregar nosso guidom às vontades, se não sempre justas, sempre mais humanas do coração.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.usjt.br/arq.urb/arquivos/abntnabr6023.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação – citações em documentos – Apresentação. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.usjt.br/arq.urb/arquivos/nbr10520-original.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

BACCHINI, Luca. Quem te viu, quem te vê... e quem verá. Diálogos brasileiros entre Claude Lévi-Strauss, Stefan Zweig e Chico Buarque de Hollanda. **Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, Rio de Janeiro, n.8, p. 173-189, jan/jul, 2011. Disponível em: <http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/artigo6_8.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

CAMPOS, André. Raça ou Doença? O Problema Vital do Brasil. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, n.12, p.45-52, 2009. Disponível em: <

<http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2009/12/Ra%C3%A7a-ou-Doen%C3%A7a1.pdf> >. Acesso em: 18 mar. 2017.

CARDOSO, Fernando Henrique. Livros que inventaram o Brasil. **Novos Estudos**, [S.l.], n.37, v.1, p. 21-35, nov. 1993. Disponível em: <http://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/71/20080625_livros_que_inventaram.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

CHACON, Vamireh. **A construção da brasilidade: Gilberto Freyre e sua geração**. Brasília: Paralelo 15, 2001.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

FREITAS, R. S. **Mórbido exercício de ajustar contas com o passado**. Ciência Hoje, Rio de Janeiro, v. 293, jun. 2012. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2012/293/ensaios-de-interpretacao-do-brasil>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

GOMES, Candido Alberto. **Darcy Ribeiro**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4696.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

JÚNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

JR., Ludwig Lauerhass; NAVA, Carmen. **Brasil: uma identidade em construção**. São Paulo: Ática, 2007.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **A contribuição árabe para o brasil: um esboço acerca da influência árabe no Brasil Colônia**. Disponível em: <<http://rafaellapuate.files.wordpress.com/2012/11/brasil-c3a1rabe.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

MASI, Domenico de. **O futuro chegou**. Rio de Janeiro: Leya/Casa da Palavra, 2013.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA. São Paulo: Abril Ltda, 1975.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. Os intelectuais e a eugenia. In: I Seminário Nacional Sociologia & Política UFPR 2009, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2009. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT6%20online/EixoI/intelectuais-eugenia-RicardoSantos.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

STRAUSS, Claude Lévi. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Anhembi, 1957.

VELOSO, Mariza. **Gilberto Freyre e o horizonte do modernismo**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922000000200008&script=sci_arttext> . Acesso em: 07 de mar. 2017.

WAIZBORT, Leopoldo. **O voo grandioso da síntese**. Ciência Hoje, Rio de Janeiro, v. 293, suppl. 9 jun. 2012. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2012/293/ensaios-de-interpretacao-do-brasil>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, país do futuro**. [S.l]: Ridendo Castigat Mores, 2001. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/paisdofuturo.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2017.